

UNGUÍDO PARA OS NEGÓCIOS

COMO UTILIZAR A SUA INFLUÊNCIA NO MERCADO PARA MUDAR O MUNDO



ED SILVOSO

UNGUENTO PARA OS NEGÓCIOS

CAPÍTULO 1

CONFISSÕES DE UM HOMEM DE NEGÓCIOS CRISTÃO

“Um dia, você será o presidente da Argentina!”,
anunciou meu avô pela enésima vez. Meus tios e tias endossaram
a sua previsão com aplausos entusiásticos.

Nascido e criado na Argentina, sou o primogênito de uma família de origem italiana e espanhola. Tenho apenas uma irmã, e meus primos do lado italiano são pelo menos dez anos mais novos do que eu. Como herdeiro do nome da família, eu era o foco da atenção dos meus avós, pais e tios. Para os mais velhos eu era *il bambino di oro*, o menino de ouro. Todos tinham sonhos grandiosos para mim.

Alguns parentes, influenciados pelas ideias do meu avô, diziam-me repetidamente que eu havia sido destinado a ser o líder da Argentina. Eles recordavam que, no momento do meu nascimento, o médico declarara: “Eis o futuro presidente deste país!”. Meu pai era político, então parecia natural eu seguir os seus passos. Eu estava acostumado a vê-lo dirigir-se às multidões e incitá-los com sua voz contundente, quando falava apaixonadamente sobre questões sociais. Ele liderou passeatas de trabalhadores demandando eleições diretas; eleições essas

Quanto mais eu orava, mais as mãos de Deus apareciam no meu trabalho.

Quanto mais Ele intervinha, melhor eram os resultados dos projetos.

que, quando aconteceram, colocaram Juan Peron no poder. Subsequente a isso, ele trabalhou com Evita Peron, ajudando os pobres e promovendo os direitos civis. Criado nesse ambiente, uma carreira política não era uma ideia estranha para mim. Na verdade, isso era de se esperar.

Por outro lado, os mais religiosos da minha família proclamavam que eu havia sido destinado ao papado. De acordo com eles, embora eu precisasse começar como padre assim como qualquer outra pessoa com o mesmo objetivo, eu deveria me apressar a me tornar o primeiro papa nascido na Argentina e o pontífice mais jovem da história. Naquela época, eu era

coroinha, um rapaz ativo no Movimento de Ação Católica; portanto, essa opção também era plausível.

Outros familiares insistiam que eu deveria seguir uma carreira empresarial. Alguns acrescentavam com um risinho: “Quando você ficar **muito** rico, poderá cuidar de todos nós”. Eu me dava bem na escola, tinha um talento natural para lidar com números. Também era muito bom na troca de “figurinhas”, o que resultou em uma enorme coleção. No mundo de uma criança, isso era sinônimo de riqueza e sucesso. Ao me verem negociando “figurinhas”, alguns dos meus parentes predisseram que eu certamente seria um empresário influente e bem-sucedido.

Naquela época, eu não sabia qual profissão seguiria quando crescesse, mas tinha em mente que escolheria uma dessas três. No início da adolescência, comecei a frequentar uma igreja protestante e as opções de qual carreira exercer restringiram-se a uma só. Aceitar Jesus como o meu Salvador fora a melhor decisão da minha vida; porém, ela automaticamente eliminou a possibilidade de concorrer à presidência, pois, naquele tempo, a constituição argentina proibia não católicos de subirem ao cargo político mais alto da nação. Uma vez que um protestante não pode ocupar o cargo de papa, essa opção também não existia mais, deixando-me apenas com uma alternativa: os negócios.

Assim, por volta dos 20 anos, eu me tornei o mais jovem administrador de um hospital, responsável por um prédio novo, servido por 51 médicos. Devido à minha falta de experiência e à minha pouca idade, eu estava dolorosamente consciente de que precisava de ajuda **sobrenatural**. Portanto, a oração se tornou o pilar da minha rotina de trabalho. Quanto mais eu orava, mais as mãos de Deus apareciam no meu trabalho.

Quanto mais Ele intervinha, melhor eram os resultados dos projetos. Depois de observarem o meu sucesso em evitar que o hospital fosse vendido, muitos médicos me confiaram o gerenciamento de suas finanças pessoais. Nós investimos em um banco comunitário, e eu consegui um lugar na diretoria. Quando nosso portfólio aumentou, estabelecemos uma companhia de empréstimos. Em pouco tempo, eu estava exercendo três funções administrativas: administrador de um hospital, membro da diretoria de um banco e CEO de uma companhia de empréstimos.

Tudo isso era, no mínimo, desafiador. No ambiente empresarial, sempre há a possibilidade de se deparar com a corrupção, ainda mais na Argentina. Evasão de impostos, caixa dois e violação das leis trabalhistas eram consideradas práticas **normais**. Entretanto, eu estava decidido a continuar agindo de modo correto. Inicialmente, meus chefes relutaram, pois temiam a perda de uma possível vantagem competitiva que teríamos se participássemos do esquema de evasão de impostos e do uso de atalhos questionáveis. No entanto, ao perceberem os resultados positivos quando negócios eram fechados com ética, começaram a confiar mais em mim. Eventualmente, eles me deram total liberdade para agir como eu bem entendesse. Contanto que ganhássemos dinheiro, eles não se importavam com os meus padrões incomuns.

A CADEIRA DE JESUS

Eu gostava muito da área de recursos humanos, contratando pessoas, mas também da comercial, como negociar, comprar e vender. A pressão era grande, porém, quando as coisas ameaçavam entrar em ebulição, eu apelava para o que eu

chamava de “a cadeira de Jesus”. Tratava-se de uma cadeira que eu, propositadamente, colocara em meu escritório. Quando tudo fugia do controle, eu fechava a porta, ajoelhava-me junto à cadeira e rogava por direção divina. Deus intervinha repetidamente. Em certas ocasiões, Ele o fazia de modo silencioso. Em outras, o Senhor me dava direções específicas. Mais de uma vez, Ele operou milagres como resposta àquelas orações. Era tão reconfortante ter a certeza da presença do Mestre naquela sala e da Sua unção em meu trabalho!

Apesar da tensão constante no emprego, eu me sentia bem em relação a ele. Entretanto, quando eu estava na igreja, isso não acontecia – principalmente nos cultos em que discutiam sobre o chamado para o ministério.

Por quê? Porque alguns líderes bem-intencionados, porém equivocados, menosprezavam o meu ofício. Repetidas vezes, eles exigiam: “Quando você vai entrar para o ministério? Você não vive pela fé, mas, sim, por vista. No trabalho, você se relaciona com pecadores, pessoas que fumam e bebem. Você tem um chamado em sua vida. Não seja rebelde. Deixe tudo e participe do ministério”.

As críticas dos meus líderes espirituais eram frustrantes e me confundiam.

Elas me confundiam porque, no íntimo, eu sabia que Deus estava comigo tanto no meu emprego como na igreja. Eu experimentava a presença dEle em ambos os lugares. No trabalho, minha missão espiritual era fazer as pessoas conhecerem Cristo. Na igreja, eu precisava aprender, adorar e conduzir outros a relacionamentos mais profundos com o Senhor. A principal diferença era que, no trabalho, eu dependia **exclusivamente** das obras (como nos milagres de negócios). Isso significa dizer

que, para eu cumprir a missão dada por Deus, a direção e a intervenção dEle eram **essenciais**. Além disso, não podia separar o meu emprego das coisas espirituais. Eu não duraria um dia se não fosse pelo poder e pela presença constante do Senhor no meu ambiente de trabalho.

Também me sentia compelido a permanecer no trabalho, porque eu era um pastor informal para os que me cercavam. Muitas vezes, eu me vi orando com meus colegas de trabalho em salas repletas de fumaça de cigarro ou ministrando aos membros de suas famílias em festas – **alguns dos quais aceitaram Jesus como Salvador!** Esses casos são exemplos de milagres, considerando que a grande maioria dessas pessoas era católica convicta e fazia parte de uma classe social muito superior à dos membros da minha igreja. “Como toda essa demonstração do agir de Deus no meu emprego podia ser considerada algo tão ruim?”, eu me perguntava.

Era frustrante porque eu respeitava os meus líderes; aos meus olhos, não seguir a liderança deles era equivalente a um ato de rebeldia. Eu ficava perplexo, pois, quando precisavam de ajuda em questões políticas, financeiras ou de pessoal, eles não hesitavam em buscar a minha assistência. **Se eu estava tão contaminado pelas coisas mundanas, por que o meu dinheiro e os meus serviços eram solicitados com tanta frequência?**

NO MINISTÉRIO, AFINAL

Eu tenho uma esposa maravilhosa, Ruth. Estamos casados há 33 anos e temos quatro filhos e seis netos. Quando nos casamos, declaramos que a nossa vida e a nossa carreira pertenceriam ao Senhor, sendo servir a Ele plenamente a nossa maior aspiração. Eventualmente, Deus me levou a trocar minha

carreira na área administrativa por um ministério na igreja. Eu me lembro claramente do dia no qual entreguei a minha carta de demissão. Meus chefes não queriam que eu fosse embora, eles me pressionaram a nomear uma quantia a qual me fizesse reconsiderar a minha decisão. Após recusar uma série de ofertas tentadoras de aumento salarial, Ruth e eu deixamos a cidade para nos tornarmos pastores com uma remuneração 30 vezes menor. O salário mais baixo não nos incomodava, embora nossa primeira filha, Karina, tivesse acabado de nascer, e isso significava despesas maiores.

Nós nunca nos arrependemos dessa decisão, mas, em 1999, entrei em contato com uma parte muito sensível da minha alma. Adiante, neste livro, contarei os detalhes sobre como isso aconteceu, mas, resumindo, eu descobri que, lá no fundo, encoberto por uma muralha de vergonha, estava enterrado o fato de que Deus havia me ungido para os negócios com a mesma unção com a qual eu estava tão familiarizado no ministério da igreja. Essa descoberta me levou a entender que, quando entreguei a minha carta de demissão, não deixei para trás algo ruim para entrar no ministério – eu havia sido um ministro o tempo todo!

Quando meus olhos se abriram, pude entrar em contato, **sem culpa**, com a alegria que eu sentia quando estava administrando três negócios. Pela primeira vez, em mais de três décadas, foi bom não sentir vergonha nem mundano por isso. Eu me senti como o filho pródigo sendo abraçado pelo pai e recebendo vestes novas.

UNGIDO PARA OS NEGÓCIOS?

Desde então, o Espírito Santo tem me mostrado, por meio das Escrituras, que há uma unção divina relacionada ao am-

biente de negócios. Como resultado disso, identifiquei muitas passagens evidenciando que as pessoas chamadas a fazer do mercado a sua igreja já possuem a **plenitude** do Espírito Santo e **todos** os Seus dons para levarem o Reino de Deus ao coração da cidade. Assim, elas são imbuídas de autoridade para usar esses dons da mesma maneira que os pastores os usam quando estão atrás de um púlpito. Em termos práticos, isso significa atuar no mercado no poder do Espírito Santo e ser **Igreja** por todo lugar, exatamente como faziam os primeiros cristãos (ver Atos 2.42). Embora eu não soubesse expressar essa verdade tão claramente quando jovem, era isso o que eu costumava fazer em meu trabalho, afinal eu havia sido ungido para os negócios!

Ser ungido para os negócios é ser separado por Deus para servir a Ele no mercado de trabalho. Ao recebermos essa unção, devemos usar os nossos empregos como um veículo ministerial para transformar o mercado, de modo que o Evangelho seja pregado e ouvido por quem estiver em nossa esfera de influência. O mesmo princípio se aplica a todas as áreas econômicas, sociais e políticas.

A unção na Bíblia

A unção, tema importante nas Escrituras, muitas vezes está associada ao azeite, que simboliza o Espírito Santo. Na Bíblia, quando o óleo era derramado ou passado em algo ou alguém, isso indicava que aquela pessoa, aquele item ou lugar havia sido separado para uso divino (ver Gênesis 28.18). Ao ungir uma pessoa, uma grande quantidade de azeite era derramada sobre a sua cabeça, simbolizando, assim, que ela havia sido separada completamente. Esse tipo de unção era realizado para consagrar ministérios de tempo integral. Reis, sacerdotes,

profetas e lugares eram separados **em sua totalidade** para o serviço divino. A unção parcial, ou seja, para o ministério em tempo parcial, **não existe na Bíblia**.

No livro de Salmos, lemos sobre o óleo escorrendo pela cabeça, a barba e, eventualmente, a túnica de Arão (ver Salmo 133.1-3). A passagem compara a unção ao orvalho de Hermom, que desce sobre as montanhas de Sião. Ou seja, é uma unção abundante, transbordante, envolvente e transformadora.

O Senhor coloca à disposição essa unção também para o Seu povo inserido no mercado. Ele deseja ungi-los poderosamente com o Seu Espírito Santo, *para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus* (At 26.18). O propósito dessa unção é transformar as pessoas e o seu ambiente *a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim* [Deus] (At 26.18).

Os dons no ambiente empresarial

A promessa de Jesus de que os cristãos seriam cheios do Espírito Santo, expulsariam demônios, neutralizariam ameaças ocultas (*serpentes*), sobreviveriam a planos malignos (*se beberem alguma coisa mortífera*) e curariam os enfermos (ver Marcos 16.17,18) se aplica, **principalmente**, ao ministério exercido no ambiente empresarial.

Há duas razões para isso. A primeira tem relação com o contexto das palavras do Mestre no mandamento *Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura* (Mc 16.15 – ênfase do autor). Essa ordem descrita por Jesus possui, **definitivamente**, um caráter expansivo. O foco da missão confiada a nós deve ser o mundo todo, a totalidade da criação, e não apenas o prédio de uma igreja ou uma reunião de cristãos.

O segundo motivo é que apenas demônios com tendências suicidas ousariam aproximar-se de cultos liderados pelo Espírito e centrados na Bíblia. Os espíritos malignos passam a maior parte do tempo na diretoria das empresas, nas instituições educacionais e nos círculos governamentais ainda não redimidos. São nesses locais que o poder de Deus se faz desesperadamente necessário. E quem já está em posição estratégica nesses lugares? Os cristãos chamados para ministrar no âmbito corporativo!

Estratégias que alcançam cidades

Desde que escrevi os livros *That none should perish*¹ [Para que ninguém pereça] e *Evangelismo de oração*², a equipe ministerial de Harvest Evangelism (Evangelismo e Colheita, a organização que eu lidero) tem se esforçado profundamente para levar os seus ideais a mais lugares ao redor do mundo. Nós nos unimos aos pastores a fim de ajudá-los a motivar, treinar e mobilizar os membros de suas congregações, de modo que cada habitante das cidades seja alvo da oração de alguém diariamente. Nos últimos 10 anos, progredimos de modo significativo, tivemos resultados positivos em diversos locais.

Contudo, essas mudanças têm intensificado como nunca as campanhas para alcançar mais cidades. Em lugares onde o movimento acabou se estagnando, a inclusão de pessoas das áreas econômica, política e social alavancaram a comunidade, trazendo benefícios a ela. Porém, o mais significativo foi a renovação da vida dos cristãos que ajudaram essa transformação acontecer. Esses homens e mulheres de negócios sempre tiveram o desejo de fazer algo extraordinário para Deus, mas viviam paralisados pelas limitações impostas a eles pelo antigo paradigma.

Quando se trata de avaliar seus papéis no mercado, eles veem a si mesmos como prisioneiros espirituais, tentando desesperadamente sobreviver com dignidade em um ambiente maligno. Porque aprenderam que o mercado de negócios está excluído da plenitude do Reino de Deus, eles nunca se sentiram capazes de abraçar a possibilidade de vê-lo transformado. Eles se limitavam apenas a serem boas testemunhas do Corpo e talvez a levarem alguém a conhecer Cristo. Portanto, não havia a expectativa de que o Reino poderia se materializar em seu meio para dissipar o reino maligno. Em consequência disso, eram forçados a se conformarem em ter uma vida meramente respeitável em um meio desonroso.

Os espíritos malignos passam a maior parte do tempo na diretoria das empresas, nas instituições educacionais e nos círculos governamentais ainda não redimidos.

Um novo paradigma

Quando desvendamos o real e essencial papel do mercado nos planos divinos, um novo paradigma emerge. Os cristãos inseridos nesse âmbito corporativo logo descobrem que, da mesma maneira que os pastores ministram o poder transformador de Deus na vida das pessoas, como no casamento e na família de fé, eles também podem levar as Boas-Novas para as pessoas nas instituições seculares. De repente, o mercado deixa de ser uma fortaleza do diabo a ser evitada e se torna um lugar de ministério dinâmico para a sua transformação espiritual.

A fim de entendermos isso melhor, precisamos saber como Jesus via o mercado e o Seu papel nele. Examinaremos essa questão no próximo capítulo.